

Criar é Fazer Crescer

P. É um areal de desengonçamento...

R. A criança move-se a seu tempo

(**adivinha umbunda, Angola**)

Ao longo destes artigos, pretendemos focar alguns dos aspectos mais relevantes da criança na tradição oral, lusófona, fixada em registos escritos de índole literária ou não. Serão priorizadas vertentes como a imagética da criança e os parâmetros educacionais, subjacentes à referida tradição. Ocupar-nos-emos da tradição (tradição, acção de entregar, transmitir ou dar alguém ou alguma coisa), preferencialmente inscrita na literatura de tradição oral e na etno(anthropo)logia, apesar das várias distorções inerentes ao seu registo: a inventiva do informante ("Quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto"); a da alteridade do colector, patente no registo, por vezes, em diferido e, tantas vezes, objecto tradução; enfim, a do olhar, sempre alienígena e "ideológico", do estudioso da tradição.

Poucas dúvidas haverá em relação à fluidez, e correspondente complexidade, do conceito de "criança". Buscar na sua raiz etimológica a solução para a destrinça do seu significado - creantia (criar, fazer crescer) - poderá provocar um realçamento do carácter movente que o sema "criar" implica. A componente social torna o vocábulo ainda de significação mais movediça, ao longo dos tempos e nas diversas sociedades (Ariès, 1988).

Essa inconsistência é realçada por alguns africanistas (Erny, 1968:144; Thomas, 1991:392; Feliciano, 1998:390), em relação à criança africana que constituiria, à nasção, o contraponto, invertido, do velho no limiar da morte: um, nascido, emerge do estado larvar; o outro, morredido, imerge no estado de defunto: ambos no patamar da vida e da morte, afinal, porto de partida e chegada, como se constituíssem duas efígies da mesma moeda, o deus Jano das duas faces (não diz o ditado, africano e português: "De velho se torna a menino" ou "Velhice, segunda meninice"?).

Nas sociedades arcaicas, o período da infância - fase etária correspondente ao "infante", aquele que ainda não fala - é bastante curto, coincidindo, grosso modo, com a fase pré-iniciática que precede os também designados ritos de puberdade (puber, adulto, coberto de pêlos); contudo, nas sociedades actuais, de cariz industrial e urbano, o mesmo período foi alargado, chegando a atingir o nível etário correspondente à média de vida nalgumas sociedades arcaicas. A não uniformização das designações portuguesas, relativas às diferentes "idades" é referida por Leite de Vasconcelos (1967, vol. V:3) que cita: "Em Divertimento Erudito, II, 1738, p. 123, apresenta-se a seguinte classificação: Infância - até ao 4º ano; Puerícia - até ao 10º, segundo os filósofos, mas, para os teólogos, até ao 14º nos machos e 12º nas fêmeas; Puberdade - até aos 18 anos; Adolescência - até aos 22 na opinião de uns e 25 na de outros; Juventude - até aos 36 ou 41; Virilidade - até aos 50 ou 56; Senectude - até aos 65 ou 68; Decrepitude - até aos 98.

O mesmo etnólogo (ibidem:3-4) refere outra classificação portuguesa: "Período de lactação - até 1 ano; 1.ª infância - até aos 7 anos, época da mudança dos dentes ou 2.ª dentição; 2.ª infância - até aos 12-14 anos, época da puberdade; Adolescência ou juventude - dos 14 aos 19-20-25. Desde a puberdade até a época em que o corpo adquire toda a sua perfeição física; Idade varonil ou viril - dos 19-20-25 aos 60; Velhice - dos 60 em diante; Decrepitude - é um estado. Mocidade é o vigor próprio da juventude, que dura mais ou menos tempo, chegando, nalguns indivíduos, aos 30 anos."

Alguns autores africanistas consideram que a infância africana se estende até ao casamento (N'Da, 1978:3) - habitualmente, o último rito de passagem, ante a morte - que seria o culminar de um processo de desenvolvimento e de maturação biológico-social, desembocando na eclosão de novos seres: os filhos seriam o bilhete de identidade de um verdadeiro adulto, e a única garantia para a aquisição do estado de defunto e/ou de antepassado.

A própria designação da criança não é unânime, na tradição portuguesa, apresentando Leite de Vasconcelos (1967, vol. V:6) a seguinte lista de "palavras designativas de pessoas de pouca idade": "Cachopo, a (Beira); canalha, criança (Beira e Norte); catraio, a; criança (em geral); criança; fedelho; ganapo, a - rapaz, rapariga, quase sinónimos de gandulo; ganapagem (Bragança, Macedo, Miranda); gandulo, a - rapaz, rapariga, até aos 10 anos. Aplicado unicamente até aos 19 anos no sentido de garoto, larápio, etc.... gandulagem (Bragança); garota - em bom sentido; garoto - diz, por modéstia, um pai, falando do filho; homenzinho; mancebo - em mau sentido diz-se manceba; miúdo, a; moço, a; moço pequeno; moça pequena (Algarve); pequeno; petiz, petiza; rapagão; raparigo - menino de colo (Bragança, Miranda); rapaz - em Miranda diz-se também rapaza; rapazelho; rapazete; rapazinho e rapazito; rapazote."

Se confrontarmos os significados, antigos e actuais, de algumas das referidas denominações (canalha, gandulo e gaiato), talvez não seja difícil constatar a ambivalência de que se reveste essa, pequena e grande, personagem que apelidamos de criança, aliás, reflectida no adagiário em Português: "No velho e no menino, o benefício é perdido"; a que se opõe (e/ou complementa): "Serviço de criança é pouco mas quem não o aproveita é louco".

Américo Correia de Oliveira

Escola Superior de Educação de Leiria

Bibliografia referenciada

- ARIÈS, Philippe (1988) . A criança e a vida familiar no Antigo Regime. Lisboa: Relógio de Água Editores/Antropos (ed. orig. Éd. du Seuil).
- ERNY, Pierre (1968) . L'enfant dans la pensée traditionnelle de l'Afrique Noire. Paris: Le livre Africain.
- FELICIANO, José Fialho (1998) . Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique, Estudos 12.
- N'DA, K. Pierre (1978) . Le personnage de l'enfant dans les contes africains. Lille: Thèse, doctorat de 3.º cycle, Université de Lille III.
- THOMAS, Louis-Vincent (1991) . La mort en question. Traces de mort, mort des traces. Paris: Éditions L'Harmattan.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1967) . Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização. Livro III. Vida tradicional portuguesa (o indivíduo, a família, a sociedade), vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional.